

A INFLUÊNCIA DO AFETO NOS PROCESSOS COGNITIVOS: UM ENCONTRO ENTRE A TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E A PEDAGOGIA DA EXPERIÊNCIA

Denise Cristine Batista Gama ¹

Vanessa Patrícia dos Santos ²

Thaís Rafaela Hilger ³

Kátia Maria Kasper ⁴

RESUMO

O trabalho em questão discute a influência do afeto nos processos cognitivos e pedagógicos, articulando a Teoria da Aprendizagem Significativa com a pedagogia da experiência e perspectivas educacionais da subjetividade. Partindo da compreensão de que aprender não se reduz a um processo meramente cognitivo, o texto defende que o afeto constitui um elemento estruturante da aprendizagem, pois mobiliza a predisposição do estudante para aprender e possibilita que o conhecimento deixe de ser externo para tocar o sujeito a partir da experiência. O referencial teórico-metodológico fundamenta-se na Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel, especialmente no conceito de predisposição para aprender; na perspectiva humanista proposta por Joseph Novak, que incorpora emoções, valores e significados ao processo de aprendizagem; na pedagogia da experiência de Jorge Larrosa, que compreende o aprender como aquilo que nos acontece e nos transforma; e nas contribuições de Deleuze e Guattari, ao abordarem a aprendizagem como processo de subjetivação, produção de sentidos e afirmação da diferença. A articulação entre esses referenciais permite compreender o afeto como condição de abertura para a experiência e como mediador entre estruturas cognitivas e subjetividade. Como principais resultados teóricos, o trabalho evidencia que a aprendizagem significativa depende de vínculos afetivos estabelecidos entre aluno, professor e conhecimento, bem como de ambientes pedagógicos que reconheçam a singularidade dos sujeitos. No campo da Educação em Ciências, argumenta-se que práticas pedagógicas voltadas à subjetividade e à experiência favorecem aprendizagens mais profundas, humanizadoras e transformadoras, reafirmando o afeto como núcleo condutor do aprender.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem significativa; Ensino; Subjetividade.

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná - UFPR, denise.cristine73@gmail.com;

² Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná - UFPR, vanessadbsantos@gmail.com;

³ Doutora em Ensino de Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, hilger@ufpr.br;

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, katiakasper@ufpr.br.



INTRODUÇÃO

Os processos de ensino e aprendizagem, especialmente no campo da Educação em Ciências, têm sido historicamente marcados por abordagens que privilegiam a racionalidade técnica, a transmissão de conteúdos e a mensuração de resultados, frequentemente deixando em segundo plano as dimensões afetiva, subjetiva e experiencial do aprender. No entanto, diferentes referenciais teóricos vêm apontando que a aprendizagem não se reduz a um mecanismo cognitivo isolado, mas constitui um processo complexo que envolve relações, experiências, emoções e modos diferentes de subjetivação. Nesse contexto, o afeto emerge como elemento central para compreender como os sujeitos se relacionam com o conhecimento, com a escola e com o professor, influenciando diretamente a qualidade e a profundidade das aprendizagens construídas.

Este trabalho insere-se nesse debate ao articular a Teoria da Aprendizagem Significativa, proposta por David Ausubel, com a perspectiva humanista desenvolvida por Joseph Novak, a pedagogia da experiência de Jorge Larrosa e as contribuições filosóficas de Deleuze e Guattari sobre subjetividade e diferença. A partir desses referenciais, compreende-se que a aprendizagem significativa depende não apenas da organização lógica dos conteúdos e da ativação de conhecimentos prévios, mas também da predisposição individual do estudante para aprender, a qual é profundamente tocada por afetos, vínculos e experiências. A pedagogia da experiência, por sua vez, permite compreender o aprender como aquilo que nos acontece e nos transforma, deslocando o foco da mera informação para a vivência significativa do conhecimento. O objetivo é analisar como o afeto desenvolve seu papel nos processos cognitivos e pedagógicos, o problematizando, de forma teórica e qualitativa, a partir dos referenciais teóricos aqui mencionados.

As leituras e discussões evidenciam que o afeto atua como condição de abertura para a experiência, que por sua vez possibilita que o conhecimento deixe de ser externo e passe a fazer parte da vida do sujeito. Acreditamos que ambientes abertos à subjetividade e à vínculos afetivos favorecem aprendizagens significativas e transformadoras. Trazendo essa perspectiva para a Educação em Ciências, é possível que práticas pedagógicas tecnicistas sejam



superadas, trazendo o professor como agente mediador de experiências e criador de vínculos afetivos com o aprender.

METODOLOGIA

Metodologicamente, o trabalho caracteriza-se como um estudo de natureza teórica e qualitativa, fundamentado na análise e articulação crítica de referenciais teóricos da área da Educação e da Filosofia e Psicologia da Educação. A discussão desenvolvida apoia-se na leitura interpretativa das obras selecionadas, buscando estabelecer diálogos conceituais que permitam compreender o afeto como elemento estruturante da aprendizagem e não como um componente acessório ou secundário.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo da afirmação de que aprender não é apenas um processo cognitivo interno e sim um movimento que envolve corpo, vínculos, histórias e relações, associamos o afeto como elemento de abertura ao aprendizado, através de experiências.

David Ausubel (1963) afirma que o fator mais importante na aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe, mas acrescenta algo essencial e muitas vezes negligenciado: a predisposição para aprender. Essa predisposição, frequentemente tratada como um elemento motivacional, é também afetiva. Ela depende da relação que o estudante estabelece com o conteúdo, com o professor e com o próprio ambiente escolar. Quando o estudante se sente acolhido, reconhecido e convidado a participar, sua abertura ao novo conhecimento aumenta. Nesse sentido, o afeto não é acessório, mas estruturante, pois prepara o terreno subjetivo para que a aprendizagem significativa aconteça. Joseph Novak, ao ampliar a teoria ausubeliana em direção a uma perspectiva mais humanista, reforça essa centralidade do sujeito que aprende. Para ele, aprender é um processo que envolve significados, mas também valores, intenções e emoções (Novak; Gowin, 1984). O conhecimento não é apenas construído; ele é sentido, incorporado e ressignificado conforme a história de cada indivíduo. Essa visão desloca o foco da técnica – visão tecnicista na qual o professor é um transmissor do conteúdo e o aluno um receptor. Focada na técnica e na racionalidade, visando a eficiência e a efetividade na aquisição de competências específicas – para a pessoa: aprender exige envolvimento emocional, confiança no professor, pertencimento ao grupo, segurança para errar e



experimental. Assim, o afeto torna-se condição para que o aluno produza sentido e se implique no próprio processo de aprender.

Podemos relacionar essa perspectiva com a pedagogia da experiência proposta por Jorge Larrosa (2002). Para o autor, experiência não é simplesmente viver algo, mas ser atravessado por algo, deixar-se afetar. Em sua leitura, aprender não é acumular informações, e sim permitir que um saber faça diferença em nós, nos transforme. A escola, entretanto, muitas vezes opera na lógica da “informação”, produzindo estudantes com muitas informações, mas que experienciam pouco. Quando consideramos o papel do afeto, percebemos que ele pode funcionar como um dispositivo de abertura: só vive experiência aquele que se abre ao encontro, que se dispõe a ser afetado por aquilo que aprende. Desse modo, o afeto ajuda nesse processo porque funciona como o elemento que mobiliza o estudante a estabelecer relações pessoais e significativas com o conteúdo.

Na Teoria da Aprendizagem Significativa (TAS), o conhecimento só deixa de ser externo quando o aluno consegue ancorar o novo conceito em estruturas cognitivas já existentes. Mas essa ancoragem não ocorre de maneira neutra: ela depende de uma disposição subjetiva para acolher o novo. É justamente o afeto que cria essa abertura. Quando o estudante se sente acolhido pelo professor, reconhecido no ambiente escolar e emocionalmente conectado ao que aprende, ele desenvolve uma atitude favorável que permite que o conhecimento faça sentido para sua própria história e seu modo de estar no mundo. À luz da pedagogia da experiência de Larrosa, o afeto também é aquilo que torna o aluno vulnerável ao encontro, no melhor sentido da palavra. Para haver experiência, o sujeito precisa se deixar afetar, precisa permitir que o acontecimento lhe atravesse. Em termos pedagógicos, isso significa que o estudante não só entende o conteúdo, mas o vive, experimenta e ressignifica. Podemos pensar que os vínculos afetivos sustentam essa abertura: confiança na figura do professor, pertencimento à turma, segurança para errar e compartilhar dúvidas. É nesses vínculos que o conteúdo ganha densidade existencial e passa a integrar o universo simbólico e emocional do estudante. Para Larrosa, a experiência (e, podemos pensar que também a aprendizagem) só existe quando algo nos toca e nos transforma. Quando ele afirma que a experiência é “aquilo que me passa, aquilo que me acontece” (Larrosa, 2002), leva em conta a dimensão da subjetividade. Aprender não é acumular conteúdos, mas deixar-se afetar pelo encontro com o novo. Podemos pensar que para Larrosa a aprendizagem é significativa. Se não for significativa, não aconteceu.



Além disso, Larrosa (2002) traz a ideia da diferença, entendida como singularidade radical do sujeito e como abertura para aquilo que não pode ser antecipado. A diferença rompe com a lógica escolar da homogeneidade, que espera que todos aprendam da mesma forma e no mesmo ritmo, e convoca o professor a reconhecer que cada estudante aprende “à sua maneira”, porque cada um é atravessado por afetos, histórias e modos de ver o mundo distintos.

Deleuze e Guattari (1995), ao tratarem dos processos de subjetivação, ampliam essa compreensão ao propor que aprender é criar conexões, produzir linhas de fuga e instaurar diferenças. A aprendizagem, para os autores, não é apenas racional; é também afetiva e intensiva. Ela envolve paixões, desejos e encontros que convocam o sujeito a pensar de outra forma. O afeto, nesse sentido, não é emoção superficial, mas força que movimenta o pensamento e que permite ao estudante construir relações novas com o mundo. O professor, como figura de mediação, torna-se o responsável por criar condições para esses encontros, cultivando ambientes que acolham a diferença e promovam experiências transformadoras.

Essa visão ressoa com uma leitura contemporânea da Aprendizagem Significativa: se aprender é reorganizar estruturas cognitivas, como afirma Ausubel, essa reorganização não é só lógica, é também afetiva. Com Deleuze e Guattari, podemos pensar que cada reorganização implica um tornar-se outro, diferir de si mesmo, do que já se pensava, já se sabia. Portanto, o afeto liga a teoria da experiência à aprendizagem significativa: ambos exigem que o conhecimento deixe de ser externo para tornar-se parte da vida do sujeito. Inserir essa discussão na educação em Ciências é especialmente importante. Muitas vezes, a área é marcada por práticas pedagógicas conteudistas, tecnicistas e descoladas da dimensão subjetiva. Contudo, o estudante só aprende significativamente quando consegue relacionar o conceito científico com sua própria rede de significados, com seus interesses, emoções e vivências. A subjetividade, presente tanto na TAS quanto na pedagogia da experiência, indica que aprender Ciências não é apenas compreender fenômenos naturais, mas transformar-se enquanto sujeito. Não há aprendizagem significativa sem experiência, e não há experiência sem afeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos pressupostos da Teoria da Aprendizagem Significativa indica que a predisposição para aprender, apontada por Ausubel, não se restringe a um estado cognitivo,



mas envolve elementos afetivos que permitem ao estudante acolher o novo conhecimento. O afeto emerge, portanto, como elemento estruturante que antecede e sustenta os processos de ancoragem cognitiva. Esse pensamento dialoga diretamente com a perspectiva humanista de Novak, ao defender que aprender significativamente implica integrar pensamento, emoção e ação. Assim, o afeto não atua apenas como motivação inicial, mas como elemento que sustenta a permanência do estudante no processo de aprendizagem, contribuindo para a construção de sentidos significativos.

A partir da pedagogia da experiência de Larrosa, as leituras e análises indicam que aprender não envolve apenas compreender conceitualmente um conteúdo, mas permitir que ele produza efeitos na subjetividade do estudante. O afeto aparece como o que torna possível essa experiência, pois só há experiência quando o sujeito se deixa afetar pelo encontro com o conhecimento. As reflexões construídas a partir das contribuições de Deleuze e Guattari permitem compreender o aprender como processo de subjetivação, marcado por afetos, intensidades e produções singulares de sentido. A aprendizagem, nessa perspectiva, não é homogênea nem linear, mas rizomática, atravessada por trajetórias únicas. Ela também não é mensurável.

Esse pensamento problematiza modelos pedagógicos padronizados, evidenciando que o reconhecimento da diferença é condição pedagógica para a aprendizagem significativa. Cada estudante aprende de modo diferente porque é atravessado por histórias, afetos e experiências distintas. Assim, o afeto aparece como força que legitima a diferença e possibilita a criação de ambientes educativos mais inclusivos e humanizadores. Desse modo, o vínculo estabelecido entre professor e estudante constitui um fundamento pedagógico que favorece a abertura para a experiência e para a aprendizagem significativa. O professor surge como criador de condições afetivas, responsável por instaurar ambientes de confiança, pertencimento e segurança para o processo cognitivo.

Esse resultado corrobora a perspectiva de que o cuidado, o reconhecimento da diferença e a escuta sensível não fragilizam o rigor científico, mas o potencializam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente trabalho teve como objetivo analisar o papel do afeto nos processos cognitivos e pedagógicos, articulando a Teoria da Aprendizagem Significativa com a pedagogia da experiência e perspectivas da subjetividade. A partir da análise e reflexão teórica desenvolvida, foi possível concluir que o afeto não constitui um elemento acessório do processo educativo, mas um componente estruturante que condiciona a abertura do sujeito para a aprendizagem e possibilita que o conhecimento deixe de ser externo para integrar a experiência de vida do estudante. Essa compreensão reforça a ideia de que aprender implica não apenas reorganizar estruturas cognitivas, mas também afetivas, simbólicas e existenciais.

As discussões realizadas ao longo do trabalho evidenciaram que a predisposição para aprender, apontada por Ausubel, encontra no afeto seu pilar subjetivo, sendo ampliada pela perspectiva humanista de Novak, que integra emoções, valores e significados ao ato de aprender. A pedagogia da experiência, conforme proposta por Larrosa, contribuiu para compreender a aprendizagem como aquilo que nos acontece, nos toca e nos transforma, enquanto as contribuições de Deleuze e Guattari permitiram reconhecer o aprender como processo de subjetivação marcado pela diferença, pela singularidade e pelos afetos. A articulação desses referenciais teóricos possibilitou uma leitura integrada da aprendizagem, na qual cognição, experiência e afeto se constituem de forma inseparável.

Pensando na Educação em Ciências, as reflexões apontam para a necessidade de superação de práticas pedagógicas excessivamente conteudistas e tecnicistas, que tendem a desconsiderar a dimensão subjetiva do aprender. As leituras indicam que ambientes educativos sensíveis ao afeto, ao cuidado e ao reconhecimento da diferença favorecem aprendizagens mais profundas, duradouras e significativas, além de contribuírem para a formação de sujeitos críticos. Nesse sentido, o professor assume um papel central como mediador afetivo e de experiências, responsável por criar condições pedagógicas e simbólicas que favoreçam o encontro entre o estudante e o conhecimento.

De forma complementar e empírica, este estudo oferece subsídios teóricos para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que integrem o afeto às estratégias de ensino, especialmente por meio de metodologias que valorizem a experiência, o diálogo, a escuta sensível e a contextualização dos conteúdos científicos. Além disso, os resultados podem contribuir para a formação inicial e continuada de professores, ao evidenciar a importância da dimensão afetiva como fundamento ético e pedagógico do ensino. Assim, este trabalho



reafirma a relevância de pensar a educação como um processo profundamente humano, no qual aprender é, antes de tudo, uma experiência afetiva, subjetiva e transformadora.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA) pela disponibilização de bolsa de Doutorado.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. *The Psychology of Meaningful Verbal Learning*. New York: Grune & Stratton, 1963.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, 2002.

NOVAK, Joseph D.; GOWIN, D. Bob. *Learning How to Learn*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

